

Rafael Fontes Gaspar

Universidade do Estado de Santa Catarina

O corpo analisado nas fotografias surrealistas de autômatos e manequins: entre o estranho e o fetiche da mercadoria

A comunicação pretende discutir a duplicação estranha do corpo humano evocada no capitalismo, na condição de máquina e mercadoria, por meio de uma série de fotografias de autômatos, manequins e similares, que foram publicadas pelo grupo surrealista de André Breton, na revista francesa *Minotaure* de 1933 e na revista belga *Variétés*, entre 1928 e 1930. O estudo dessas fotografias encontra-se no livro *Compulsive Beauty* (1993) do historiador e crítico de arte norte-americano Hal Foster, especificamente, no capítulo "Exquisite Corpses". Essas imagens apresentam como os surrealistas eram fascinados por esses objetos, embora eles evoquem, de modo geral, a duplicação do corpo do homem em máquina e da mulher em mercadoria, André Breton os considera no *Manifesto do surrealismo* (1924), como exemplos daquilo que é "maravilhoso". Para Hal Foster, o maravilhoso pode ser entendido como o fenômeno que Freud denominou de "estranho", infamiliar, ou inquieto. O autor realiza uma desconstrução do surrealismo, pois, se para Breton o surrealismo era um símbolo de amor e revolução, ele analisará o movimento sob uma perspectiva mais obscura, de uma arte direcionada à compulsão, ao mistério e à morte. Freud, no ensaio *O estranho* (1919), analisa a noção de familiaridade e infamiliaridade, que temos com esse estranhamento, sobre o modo como os objetos inanimados adquirem vida e como eles retornam para nós, sob disfarces estranhos, mas que são familiares. Isso demonstra uma relação com o processo de reificação das relações sociais e da personificação das coisas, como Karl Marx observou no caráter fantasmagórico da mercadoria, em sua obra *O Capital* (1867), na qual os seres inanimados, que são as mercadorias, ganham vida. Desse modo, essas fotografias apresentam uma espécie de choque da experiência surrealista, que redireciona o retorno dessas formas estranhas como crítica ao desenvolvimento do processo capitalista e tecnológico, que obscurece o desejo e o trauma.
